

# DISSERTAÇÃO

Das ultimas particulas ou moleculas organicas em relação  
á physiologia e á pathologia moderna

THESE

APRESENTADA

À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

PARA SER SUSTENTADA EM JUNHO DE 1873.

POR

EDUARDO MOON WILSON

Bacharel em medicina e mestre em cirurgia pela Universidade de Edimburgo  
e membro extraordinario da Real Sociedade Medica da mesma cidade

NATURAL DE SÃO LUIZ DO MARANHÃO

AFIM DE PODER EXERCER SUA PROFISSÃO

NO

IMPERIO DO BRAZIL

495



Bahia

Typographia.—Americana.

1873

# FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

## DIRECTOR

### VICE-DIRECTOR

O EXM. SR. CONSELHEIRO DR. VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES.

### LENTES PROPRIETARIOS

OS SRS. DOUTORES

	1º anno.	MATERIAS QUE LECCIONAM
Cons. Vicente Ferreira de Magalhães.....	} Physica em geral e particularmente em suas applicações á Medicina. } Chimica e Mineralogia. } Anatomia descriptiva.	
Francisco Rodrigues da Silva.....		
Barão de Itapoan.....		
<b>2º anno.</b>		
Antonio de Cerqueira Pinto.....	} Chimica organica. } Physiologia. } Botanica e Zoologia. } Repetição de Anatomia descriptiva.	
Jeronimo Sodré Pereira.....		
Antonio Mariano do Bomfim.....		
Barão de Itapoan.....		
<b>3º anno.</b>		
Cons. Elias José Pedroza.....	} Anatomia geral e pathologia. } Pathologia geral. } Physiologia.	
José de Góes Siqueira.....		
Jeronimo Sodré Pereira.....		
<b>4º anno.</b>		
Cons. Manoel Ladisláo Aranha Dantas.....	} Pathologia externa. } Pathologia interna. } Partos, molestias de mulheres pejudas e de meninos recém-nascidos.	
Demetrio Cyriaco Tourinho.....		
Cons. Mathias Moreira Sampaio.....		
<b>5º anno.</b>		
Demetrio Cyriaco Tourinho.....	} Continuação de Pathologia interna. } Materia medica e therapeutica. } Anatomia topographica, Medicina operatoria e apparatus.	
Luiz Alvares dos Sanetos.....		
José Antonio de Freitas.....		
<b>6º anno.</b>		
Rozendo Aprigio Pereira Guimarães.....	} Pharmacia. } Medicina legal. } Hygiene, e Historia da Medicina.	
Salustiano Ferreira Souto.....		
Domingos Rodrigues Seixas.....		
José Affonso Paraizo de Moura.....	} Clinica externa do 3º e 4º anno. } Clinica interna do 5º e 6º anno	
Antonio Januario de Faria.....		

### OPPOSITORES

Ignacio José da Cunha.....	} Secção Accessoria.
Pedro Ribeiro d'Araujo.....	
José Ignacio de Barros Pimentel.....	
Virgilio Climaco Damazio.....	
Augusto Gonçalves Martins.....	} Secção Cirurgica.
Domingos Carlos da Silva.....	
Antonio Pacifico Pereira.....	
Alexandre Affonso de Carvalho.....	
Claudemiro Augusto de Moraes Caldas.....	} Secção Medica.
Ramiro Affonso Monteiro.....	
Egas Muniz Sodré d'Aragão.....	
Mannel Joaquim Saraiva.....	

### SECRETARIO

SR. DR. CINCINATO PINTO DA SILVA.

OFFICIAL DA SECRETARIA

O SR. DR. THOMAZ D'AQUINO GASPAS.

A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhe são apresentadas.

IA

AGALHÃES.

LECCIONAM  
particularmente em  
Medicina.

descriptiva.

logia.

alheres pejadã e  
idres.

gia interna.  
antica.  
Medicina opera-

Medicina.

1º anno.  
2º anno

quo

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

PROFESSOR

ANTONIO CARLOS

# A' Illustrada Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia

*Homenagem de profundo respeito, honra ao  
merito e ao saber.*

## DISSERTAÇÃO

495

Das ultimas particulas ou moleculas organicas em relação  
á physiologia e á pathologia moderna.

*Ista naturæ rerum contemplatio, quamvis non faciat  
medicum, aptiorem tamen medicinæ reddit. (CELSUS.)*

A historia da medicina, desde a era a mais remota até a presente data, tem apresentado ao mundo scientifico uma triste narração de contendias, rivalidades e prolongados conflictos entre os numerosos filhos de Esculapio. Quando as sciencias ainda descansavam em berços infantis e os sabios e philosophos desse tempo empunhavam as redeas do Empirismo, eram essas renhidas lutas travadas entre duas ou mais seitas ou escholas, e apenas de tempos em tempos. Hoje que a nossa nobre sciencia, este vasto edificio construido desde então até agora á força de tantas raras habilidades e tantos raros talentos, está penetrando mesmo nas mais altas nuvens do firmamento para espreitar os mysteriosos arcanos do céo, os seus devotos e os seus discipulos avidamente preparam-se para defender, perante o mundo litterario, não tanto em escolhidos partidos ou em diversas seitas, porém cada

um por si proprio, aquellas theorias ou aquelles factos que durante os seus trabalhos ou os seus estudos apresentaram-se de maior interesse, de maior importancia.

Com tudo isso, a existencia de um ente qualquer habitante da terra é menos comprehendida pelos circulos scientificos do que são em proporção os phenomenos physiologicos e pathologicos que esta mesma existencia apresenta. Pergunta-se o que é a vida, e nenhum de nós sabemos responder. Bérard, no seu curso de Physiologia, publicado em 1848, nos dá uma lista muito extensa das idéas que differentes autores entretinham sobre este ponto. Bichat, por exemplo, nos diz que a vida é « *o total das funcções que resistem á morte* »; porém se procurarmos saber deste mesmo sabio qual seja a morte, para se tornarem evidentes as suas palavras, elle não nos póde explicar. O proprio professor Bérard, depois de nos fazer ver que Aristoteles designa a vida pela vida, commette o identicissimo erro quando mais adiante elle mesmo nos diz que a vida é « *a maneira de existir dos entes organisados* », isto é, que a vida é a vida. Outros querem que a vida seja « *o resultante da acção de certos estimulos especificos sobre certas susceptibilidades especificas* », e o Dr. Carpenter a considera como « *o poder que resiste á decomposição* »; mas em ambos estes casos seria dar vida tambem aos corpos inorganicos.

Como podemos nós tratar, porém, das condições de uma existencia que ainda não conhecemos? Como tratar de resultados sem conceber a causa ou o principio delles? Emfim, para que possa ser entendido na materia que tenho a discutir, será mister que eu assuma uma definição fixa desta mesma existencia, que eu apresente uma idéa bem determinada da concepção que faço della, já que não posso servir-me de uma que seja das definições acima indicadas. Direi então que « *a vida é aquella acção pela qual toda a materia organica tende ao seu desenvolvimento completo.* » Esta mesma acção é, por assim dizer, governada por uma outra acção, ou antes por uma força ainda incomprehensivel, que tem recebido o nome de força vital, por falta de um melhor, e que aqui chamaremos « *força primitiva ou originaria* », por ser ella o principio ou origem da vida, — daquella acção que determina todos os entes organicos até agora conhecidos.

Quando a fôrma organisada chega a esse estado final de desenvolvimento é que podemos então dizer que a vida sustenta-se não só pelo impeto da força que lhe deu acção, como também pela influencia de agentes externos, isto é, daquelles agentes que são tão absolutamente necessarios, não sómente para o desenvolvimento, como também para a desintegração de todo e qualquer corpo organico.

Agora temos de suppôr (por emquanto ao menos) que esta força primitiva reside nas ultimas particulas ou moleculas organicas de que trata esta these, e só se apresenta aos nossos sentidos quando manifesta, em qualquer corpo organico que esteja debaixo de certas circumstancias apropriadas, aquella acção que vulgarmente costumamos chamar vida. De sorte que nós temos que comprehender uma « *vida somatica* » ou a vida de um organismo por inteiro (por mais complicado que este seja), resultando de uma « *vida proteica* » ou elementar (intitulada por muitos « *molecular* »), isto é, resultando de uma vida ou por outra de todas as vidas reunidas, das partes mais elementares deste mesmo organismo. Ajuntando então a esta ultima a força que a governa, teremos no primeiro logar a força primitiva ou originaria dando nascimento á vida proteica ou elementar, e esta, pela tendencia que tem sua acção ao desenvolvimento completo da materia organica sobre a qual tem influencia, dando nascimento á vida somatica. Do outro lado, tomando em consideração as relações intimas que já concebemos existir entre a força primitiva que dá vida a todos os organismos, e entre as ultimas particulas ou moleculas destes mesmos organismos, demos a estas agora a nossa attenção por algum tempo.

Emquanto os anatomistas estudam a sua sciencia em corpos depois de mortos, por outra, em corpos inertes, os physiologistas baseiam a delles nos phenomenos que essas mesmas partes anatomicas apresentam quando em actividade — differindo muitissimo, portanto, um estudo do outro. Mesmo a posição, por exemplo, do coração morto é outra da do coração vivo. Para collocar, porém, a physiologia no logar que hoje ella occupa, na elevada posição que ella hoje assume, foi mister o necessario desenvolvimento da

histologia propria; tão differente da anatomia microscopica como é a physiologia da anatomia. Aos phenomenos histologicos, portanto, é que temos agora que dar a nossa attenção.

As ultimas particulas ou moleculas organicas então são aquellas porções de materia organizada de tão immensa pequenez que, vistas debaixo do microscopio o mais poderoso que hoje em dia possuímos, allí apparecem apenas como uns pontos immensuraveis. Podemos afirmar sem a menor hesitação que nunca poderemos conceber, muito menos apreciar pela vista, a ultima divisão destes corpusculos organicos, vendo que o que debaixo de uma lente assaz poderosa dava a apparencia de uma destas ultimas moleculas, debaixo de outra lente ainda mais poderosa tomava dimensões mensuraveis e se mostrava cercada de pontos immensuraveis — isto é, ainda de mais outras ultimas particulas. E depois, para explicar a percepção de aromas pelos nossos proprios sensos, os physiologistas ensinam que particulas ou moleculas volateis e immensamente diminutivas estão continuadamente a apartarem-se do corpo organico que as produz e, pelo intermedio do ar, a impingir contra as ultimas delicadas fibrilas dos nervos do olfacto — o que elles provam, por exemplo, pelo peso de qualquer um destes corpos, antes e depois delles perderem todo o seu cheiro mais activo. Estas moleculas, por certo, ainda não foram demonstradas pelo microscopio.

A sciencia chimica, do outro lado, para poder explicar mais facilmente as combinações constantes que existem entre os elementos, tem-se servido ultimamente de uma theoria atomica que se acha agora geralmente introduzida nos circulos scientificos. Si se póde entreter, por um só momento que seja, taes noções, será muito mais facil conceber nos corpos organicos uma divisão final das suas materias, em particulas ou moleculas organicas, da mesma immensa pequenez que as ultimas particulas ou moleculas dos elementos chimicos. Si assim fôr, estas ultimas particulas ou moleculas organicas de que fallamos terão a mesma composição chimica que os corpos organicos, dos quaes ellas representam effectivamente a ultima divisão. Todos nós já sabemos que os corpos organicos (e por isso as particulas orga-

nicas tambem), por mais complexos que sejam, são compostos apenas de quatro elementos, o carbono, o nitrogenio, o oxygenio e o hydrogenio, em diversas proporções e em varias combinações. Só este facto traz consigo os maiores interesses imaginaveis e vem supprir ao pensar do homem intelligente fundos e fundos de alimento. Nós aqui encontramos tres gazes (que desde já podemos considerar como os gazes organicos) entrando em combinação com uma base solida—isto é, tres corpos conditionalmente os mais quentes que existem (porque são gazes) combinando com um corpo conditionalmente o mais frio que existe, que é o carbono. E' aqui considerado, portanto, um corpo qualquer, conditionalmente frio ou conditionalmente quente, conforme o seu gráo de fusibilidade. Este então (o carbono) póde combinar ou sómente com o hydrogenio e com o oxygenio, formando materias organicas não azotadas, ou com todos os tres gazes, formando materias organicas azotadas, e assim mostrando que a base essencial de toda a materia organica é o carbono. Tanto têm os chimicos conhecido este facto como verdadeiro, que elles consideram a chimica organica e a chimica do carbono como termos synonymos. Seguindo o mesmo argumento, todos os gazes provenientes da simples combinação do carbono, ou com o hydrogenio, ou com o oxygenio, ou com o nitrogenio, são essencialmente gazes organicos, ou, por outra, fórmulas modificadas de materia organica já divididas pela sciencia chimica em ultimas particulas ou moleculas, e gozando ao mesmo tempo de certos privilegios proprios ao mundo organico.

Um destes gazes, por exemplo, o acido carbonico, é bem sabido que pela sua dissolução serve de supporto a todos os viventes. As arvores, isto é, ao contacto delle, fixam nas suas folhas todo o carbono que elle traz consigo e assim liberam o oxygenio para o uso immediato dos animaes. Não seria facil suppôr que, nas outras combinações simples, as arvores tambem pudessem fixar o carbono, a base ou parte essencial das materias organisadas, e assim pudessem liberar os outros gazes? Eu acho que isto ainda não se tem experimentado, mas na minha opinião é mais que



provavel que assim seja, e baseiando-nos nessa grande probabilidade podemos agora dar mais um passo no nosso argumento e declarar (ainda que temporariamente) que essa força primitiva ou originaria de que já tratámos, e que reside nas ultimas particulas ou moleculas organicas, está em relações as mais intimas possiveis com o carbono ou base organica, mas sómente com este elemento organico quando combinado com dous ou mais dos gazes organicos. Porém os sabios chimicos nos dizem que o carbono é um corpo solido, sem cheiro, sem sabor, infusivel e fixo nas mais altas temperaturas, as quaes se possa attingir dentro das fornalhas; e si a todas estas propriedades se ajuntar aquella de ser elle o unico receptaculo de tal força organica primitiva, quando combinado com dous ou mais dos gazes organicos, nós temos investido as ultimas particulas do carbono em combinação organica, ou por outra (que vem a dar no mesmo) nós temos investido as ultimas particulas ou moleculas organicas com o caracter excessivamente distinctivo de resistir a toda e qualquer acção, quer chimica, quer physica, ou quer vital, e mais ainda, de serem ellas os principios e as origens da propria vida.

Agora, esta mesma força primitiva que deu a vida a um corpo organico qualquer, quando já não acha este corpo em condição para continuar tal vida, é a primeira força a lhe trazer a morte—isto é, a primeira causa da desintegração proteica ou elementar deste corpo. E assim como todas as vidas proteicas reunidas (ou a maioria dellas representando o todo) constituem a vida somatica, tambem todas as mortes proteicas reunidas (ou a maioria dellas representando o todo) constituem a morte somatica. Este processo que traz a morte torna-se, então, muito mais rapido do que aquelle que traz a vida, como si esta força primitiva, residente nas ultimas particulas organicas, estivesse, por assim dizer, impaciente afim de chegar áquellas condições necessarias para dar vida a novos entes organicos. Não pôde haver a menor duvida que logo depois da desintegração dos elementos proteicos de qualquer um organismo ha uma nova aggregação ou reintegração, em circumstancias apropriadas, das ul-

umas partículas organicas, que compunham estes elementos, para dahi proceder algum desenvolvimento organico, proprio ou especifico aquellas mesmas partículas, e então explicar-se-hia hoje com summa facilidade o enigma que Sansão propoz aos Philistens — *do comedor sahio comida e do forte sahio do-guira*. Porém antes de entrar em consideração da maneira pela qual se effectua este facto physiologico sera conveniente, talvez, recapitular os pontos que temos até agora apresentado e tentar dar, por argumentos, provas mais minuciosas e mais escolhidas, que os possamos sustentar e por si mesmo os defender. Temos declarado, então, que a vida divide-se em vida somatica e em vida proteica ou elementar; que a força occulta que as governa, a força organica primitiva ou originaria, tem relações as mais intimas possiveis com as ultimas partículas ou moleculas organicas, e só com ellas; que estas partículas ou moleculas organicas são de tão immensa pequenez que só podem ser comparadas com as ultimas partículas ou moleculas dos elementos químicos, e que, além de tudo isso, tendo por base essencial o carbonio, um elemento infusivel e fixo, gozam da mais aperfeiçoada resistencia vital que se possa conceber. Mais ainda, que quando as condições, quer da morte proteica, quer da morte somatica (estados estes exactamente opostos aos da vida) se apresentam, esta mesma força primitiva ou originaria é a primeira a trabalhar para re-duzir a organisação, pela desintegração de seus elementos, aquelle ultimo estado molecular que lhe deu existencia. Por ultimo, que, dando-se certas condições apropriadas, estas ultimas partículas ou moleculas organicas, derivadas da desintegração de um corpo organico qualquer, pela força primitiva que nellas reside, tornam a se reunir mais e mais (gradualmente ou rapidamente, conforme), além de que dessa nova aggregação ou reintegração procedam novas formas organicas, novos entes deste mundo.

Ora, si nós não accettassemos a idéa que n'um organismo tão complexo como seja o corpo humano existem partes elementares, inteiramente distinctas emquanto a funcção e construcção,

porém trabalhando cada uma por si (e em perfeita harmonia no estado normal) para a conservação e bem estar do organismo por inteiro, nunca poderíamos comprehender porque crescem as unhas, porque crescem os cabellos, tornam-se brancos e depois cahem, etc., nem tão pouco como póde haver caries ou necrosis de qualquer uma parte de um osso, ou gangrena de qualquer uma das nossas extremidades ou mesmo de qualquer um dos nossos membros sem ter todo o organismo ao mesmo tempo que se sujeitar ás mesmas condições. Isto é, a vida proteica ou elementar de qualquer uma parte do corpo não absolutamente essencial á sua preservação póde terminar gradualmente ou rapidamente sem causar abalo ao resto do organismo por inteiro, vendo que elle ainda póde contar com tantas outras vidas proteicas reunidas em bastante harmonia para lhe dar sustento e vida somatica. E si este argumento é sufficiente para explicar os phenomenos de um organismo tão elevado e tão complexo como seja o corpo humano, assim tambem, ou bem pelas leis da homogeneidade de estructura intima, ou bem por aquellas de analogia de funcção, podemos nos servir d'elle para explicar os phenomenos que encontramos entre os entes menos complexos ou mais simples que habitam este nosso globo. Dahi podemos concluir que, si estas duas vidas se manifestam em qualquer um corpo organico, a força que as regula e as governa debaixo de certas condições tambem tem a sua residencia neste mesmo corpo; vendo que, si por acaso estas certas condições são supprimidas, as vidas, ou ficam suspensas por um termo indefinito, ou resolvem-se logo em mortes, ao mesmo tempo que esta força primitiva ou permanece occulta por quanto tempo fôr necessario, ou então immediatamente desenvolve-se na desintegração que produz a morte. Agora temos que perguntar em que parte do organismo é mais provavel que resida esta força. Ella por certo que não se manifesta pela vida somatica, porque sinão deixaria o organismo logo que apparecessem as condições da morte somatica. Isto não acontece: pelo que se prova em certos casos, que têm causado assaz d'admiração a muitos homens scientificos, quaes sejam uma

elevação de temperatura bem determinada em algumas pessoas logo depois de mortas, e em outros casos, como na digestão de partes do estomago depois da morte, mostrando que as glandulas deste orgão tinham continuado activas por algum tempo depois da morte somatica, etc. Esses phenomenos, então, facilmente se explicam pelo facto que ainda existia bastante vida proteica ou elementar em certos systemas, ou em certas partes elementares daquelle corpo, somaticamente morto, para constituir a causa evidente desses mesmos phenomenos.

Porém esta mesma força primitiva tambem não reside na vida proteica do organismo, porque nós a encontramos, esta mesma força, tomando parte na morte proteica do mesmo organismo. Isto se prova pela maneira que com a desintegração dos seus tecidos o utero physiologicamente hypertrophiado volta a seu estado normal depois de expellir o feto que continha, pela maneira que se effectua a digestão secundaria, etc., e mais interessantemente pela maneira que vem a formar-se os nossos ossos — um processo este que bem póde ser considerado como uma verdadeira degeneração de cartilagem, vendo que toda a materia calcaria ou mineral que nella fica depositada pertence propriamente ao mundo inorganico, e que a fórma que dahi resulta é por isso infinitamente mais baixa que a cartilagem que lhe servio de origem.

Mas, si essa força primitiva não se manifesta nem na vida somatica, nem na vida proteica, não podemos lhe conferir outra residencia em qualquer corpo organico sinão nestas mesmas ultimas particulas ou moleculas organicas de que tratamos nesta these. O movimento molecular que se observa nas cellulas de certas plantas tende a supportar uma tal opinião.

Para provar mais que esta força primitiva reside nas ultimas particulas organicas e preside na morte dos elementos organicos, basta considerar que a desintegração de qualquer materia organica depende por força ou de certas influencias externas ou de certas acções ou forças internas. Ha, porém, certos phenomenos bem conhecidos, taes como sejam os de animaes no interior de fructas inteiras, no interior de castanhas hermeticamente selladas e até

mesmo bem no centro do tronco, no proprio miolo de arvores antiquissimas, etc., cuja presença alli só podemos explicar suppondo existir em corpos organicos uma força interna em actividade continua, dando logar, em certas condições excepcionaes, a estes mesmos phenomenos,— isto é, á desintegração pela morte circumscripta de alguns elementos de qualquer um organismo e á sua reintegração em novas fórmulas,— estas, porém, sempre mais elevadas que as ultimas, na escala organica. Esta força é a mesma que nós já considerámos mais acima, debaixo do nome de força organica primitiva ou originaria.

Quanto menos organizado, porém, é o corpo, tanto mais concentrada, por assim dizer, torna-se essa força que nelle reside. Ou, por outra, quanto menos dessa força primitiva é gasta para o desenvolvimento completo de qualquer materia organizada, tanto mais della reside nessa mesma materia depois de toda desenvolvida. O genero hydra, entre os coelenterata, portanto, cujo desenvolvimento completo é muito rapido, goza de uma força vital elevadissima; e mesmo o feto humano quando acontece soffrer amputação intra-uterina de um pé ou de uma mão no principio de sua existencia, possui ainda bastante desta mesma força originaria ou primitiva para nascer com uma imitação assaz approximada do membro que tinha perdido—um caso este que nunca tem se dado, nem nunca poderia se dar, durante a vida extra-uterina do mesmo feto. Confiando nestes argumentos póde-se até chegar á conclusão que a concentração dessa força está em relação directa á divisão final das partes organicas. Isto é, que ella existe em todo o seu rigor nas ultimas particulas organicas quando se acham estas no seu estado de divisão final.

Por ultimo, então, viemos á chegar a um ponto de muitissimo interesse a todos os physiologistas modernos, a um ponto que comprehende em si não sómente a theoria dos germens atmosphericos como tambem aquella intitulada e assim conhecida como a da geração espontanea. Principiemos por considerar no primeiro logar a ultima destas.

## Secção Medica

QUAL O MELHOR TRATAMENTO DA ANGINA DIPHTERICA?

### PROPOSIÇÕES

I

A angina diphtherica é uma moléstia infecto-contagiosa de natureza especifica, caracterizada anatomicamente pela presença de falsas membranas nas mucosas do pharynge e isthmo da garganta.

II

O tratamento da angina diphtherica pode-se prescrever debaixo de tres pontos de vista: tratamento preventivo, local e geral.

III

As emissões sanguineas locais são algumas vezes uteis.

IV

Os vomitivos não são especificos, segundo a maioria dos praticos elles obram mechanicamente.

V

Os balsamicos são de grande utilidade no tratamento da angina diphtherica.

VI

Os mercuriaes não devem ser empregados, nem externa, nem internamente.

VII

O alumen, o tanino, o azotato de prata em insulfagação são os topicos mais recomendados.

VIII

O emprego topico do enxofre tem, na opiniao de alguns praticos, feito brilhantes curas.

B.

IX

Os vesicatorios são infructiferos e perniciosos na angina diphtherica.

X

Os purgativos são contra-indicados, pois que extenuam ainda mais os doentes.

XI

No tratamento geral devemos applicar uma alimentação tónica, os vinhos generosos, os tónicos ferruginosos e as preparações de quina.

XII

A tracheotomia é o ultimo recurso da medicina; ella deve ser empregada todas as vezes que se reconhecer a impotencia de todos outros meios.

XIII

A prophylaxia consiste em evitar as más condições hygienicas.

## Secção Cirurgica

---

### QUEIMADURA

#### PROPOSIÇÕES

##### I

A queimadura é uma lesão que resulta da acção forte e prolongada do calorico sobre os tecidos vivos.

##### II

Certos agentes chimicos podem tambem determinar esta especie de lesão.

##### III

Para que a queimadura se produza basta que uma parte do corpo seja submettida a influencia directa ou afastada de um agente que possua uma temperatura elevada. Este agente pode ser solido, liquido ou gazoso.

##### IV

Para determinar os grãos das queimaduras deve-se considerar a natureza do corpo tomburente, a intensidade e duração de sua acção sobre a economia e tambem a structura dos tecidos vivos.

##### V

Os phenomenos da queimadura são geraes e locaes.

##### VI

Phenomenos locaes admittimos seis grãos na queimadura. Os geraes são primitivos ou consecutivos.

##### VII

Nos phenomenos geraes que acompanham as queimaduras podemos distinguir tres periodos — 1.º congestão, 2.º reacção inflammatoria, 3.º suppuração ou esgotamento.



VIII

É indispensavel ao medico a natureza do corpo que determinou a queimadura para o diagnostico desta lesão.

IX

Em geral é sempre grave o prognostico das queimaduras, porquanto as vezes uma queimadura do 1.º grão, quando muito extensa, e em uma região muito importante traz consequencias funestas.

X

Deve-se no prognostico das queimaduras considerar a idade, a constituição, o temperamento do individuo, a natureza do corpo comburent, a extensão, a região e as funcções da parte offendida.

XI

Deve-se attender os diferentes grãos da queimadura no tratamento deste accidente.

XII

No tratamento das queimaduras ha tres indicações a preencher : 1.º debellar a dôr, 2.º tratar a inflammação, 3.º combater o estado de prostração de forças em que esteja o individuo.

XIII

Nas queimaduras do 2.º e 3.º grão quando as phlyctenas estiverem abertas é util a applicação do algodão cardado e dos oleosos.

XIV

Nas queimaduras do 5.º e 6.º grão a amputação dos membros lesados é muitas vezes indicado, sendo inevitavel no 6.º grão.

## Secção Accessoria

---

### COMO RECONHECER-SE QUE HOUVE ABORTO EM UM CASO MEDICO-LEGAL?

#### PROPOSIÇÕES

##### I

Aborto criminoso é a expulsão violenta e prematura do producto da concepção, perpetrado por mãos barbaras, com o fim, as mais das vezes, de encobrir a vergonha de uma mulher culpada.

##### II

O aborto pode ser considerado debaixo de tres pontos de vista, embryonario, ovular e fetal.

##### III

Os abortos embryonario e ovular são mais difficeis de conhecer-se do que o fetal.

##### IV

A presença do óvo é um signal que por si só basta para affirmar-se que houve aborto.

##### V

A ausencia do óvo não indica que o aborto não teve lugar, porque muitas vezes pode já ter sahido com os coalhos e perder-se; outras vezes pode ter sido expellido do utero, parar na vagina e o exame dos coalhos não demonstrar a sua existencia.

##### VI

Uma methrorrhagia sobrevindo em uma mulher em estado de gravidez, após o uso de certas substancias abortivas, deve ser tomada em muita consideração.

##### VII

Os emmenagogos, sobre tudo a sabina, encontrados em casa da mulher

que se diz ter abortado, servem muito para esclarecer ao medico-legista nesta questão.

VIII

Deve-se considerar, para as substancias reconhecidas abortivas, a dõse, a fõrma da applicação e o tempo decorrido entre o aborto e o emprego do medicamento.

IX

Se o aborto è de data muito recente, è necessario examinar minuciosamente os órgãos genitales da mulher.

X

Encontrando-se instrumentos vulnerantes, manchados de sangue, esponjas, dilator de Tarnier, deve-se acreditar que elles serviram para provocar o aborto.

XI

Se o aborto tem sido provocado por uma corrente electrica applicada ao ventre, e a mulher occulta uma semelhante circumstancia, è impossivel a verificação do aborto.

XII

Se a mulher estiver morta o medico deve fazer a autopsia, porque encontrará signaes no utero, por meio dos quaes pode com certeza dizer que o aborto teve logar.

XIII

O medico-legista deve ser muito cauteloso em dar o seo parecer sobre o aborto criminoso.



## HYPPOCRATIS APHORISMI

---

### I

Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experientia fallax, iudicium difficile.

(Sect. 1.<sup>a</sup> Aph. 1.<sup>o</sup>)

### II

Propter ardores vehementes convulsio aut tetanus, malum.

(Sect. 7.<sup>a</sup> Aph. 13.)

### III

Sanguine multo effuso, convulsio aut singultus superveniens, malum.

(Sect. 5.<sup>a</sup> Aph. 3.<sup>o</sup>)

### IV

Ubi somnus delirium sedat, bonum.

(Sect. 2.<sup>a</sup> Aph. 2.<sup>o</sup>)

### V

Quæ medicamenta non sanant, ea ferrum sanat. Quæ ferrum non sanat, ea ignis sanat. Quæ vero ignis non sanat, ea insanabilia existimare oportet.

(Sect. 8.<sup>a</sup> Aph. 6.<sup>o</sup>)

### VI

Ab angina detento tumor et rubor in pectore superveniens, bonum, foras enim vertitur morbus.

(Sect. 7.<sup>a</sup> Aph. 49.)

*Remetida á commissão revisora. Bahia e Faculdade de  
Medicina 23 de Setembro de 1873.*

*Dr. Gaspar.*

*Esta these está conforme os Estatutos. Bahia e Faculdade  
de Medicina 24 de Setembro de 1873*

*Dr. J. J. da Cunha.*

*Dr. Pacifico Pereira.*

*Dr. Claudemiro Caldas.*

*Imprima-se. Bahia e Faculdade de Medicina 26 de  
Setembro de 1873.*

*Dr. Magalhães.*